

HISTÓRIAS EM QUADRADINHOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Numa folha de papel quadriculado passa-se cada coisa...

Às vezes, passam-se contas. É o mais normal. Nem sempre as contas batem certo, apesar dos quadrados quadradinhos, muito certinhos, terem sido feitos para contas muito bem contadas, certas, certinhas, acertadas.

Quando a conta não está certa, risca-se ou apaga-se. A folha quadriculada tudo consente, mas no fundo, é muito exigente.

Mas há mais: Onde estão contas, podem estar contos...

Às vezes, numa folha de papel quadriculado, acontecem histórias. São estas as autênticas, as primeiras histórias em quadradinhos. Como a que vamos contar.

Numa folha de papel quadriculado dum caderno escolar, encontraram-se um quadrado, completamente quadrado, e um triângulo muito triângulo. E muito impertinente.

Dizia o triângulo para o quadrado:

– Estás sempre na mesma. És quadrado, só quadrado e, dês as voltas que deres, ficas sempre quadrado. Pff! Que figura geométrica mais sem jeito. Que monotonia.

O quadrado calado, muito calado, só ouvia.

Continuava o triângulo:

– Eu sim, sou variável. Umas vezes faço-se triângulo equilátero. Outras, isósceles. Outras, escaleno. Sou um triângulo de muitas formas e feitios. Gosto de variar.

O quadrado calado, calado ficou. Então o triângulo arrebitado, espevitou-o:

– Não dizes nada? Vê-se que estás amachucado com a minha sapiência, com a minha variedade. Não é assim, ó quadrado?

Então o quadrado não se conteve mais e ripostou:

– Vai falando, vai, triângulo presunçoso, mas olha que iguais a ti já eu tenho dois, cá dentro!

Então o triângulo ficou tão enfiado que pediu a uma borracha que o apagasse.

FIM